

Memoriais

Memorial¹

Valter Sinder

Do Rigor na Ciência, Jorge Luis Borges

“...Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era inútil e não sem impiedade o entregaram as inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.”

(Suarez Miranda: *Viajes de Varones prudentes*, livro Quarto, cap. XLX, Lérida, 1658).

Em seu discurso de posse na Real Academia Espanhola, em 2008, o escritor Javier Marias reflete *sobre A dificuldade de contar*. A arte de contar, ele nos diz, seja ou não como ofício, está destinada ao fracasso e, além do mais, é algo quase impossível. Principalmente “quando se trata de fatos reais, de coisas que acontecem de verdade”. Por mais que queira contar “o acontecimento tal como ocorreu”, e não tenha intenção de inventar coisa alguma, pretende-se realizar uma tarefa impossível. No momento que a palavra intervém e se aspira que a palavra reproduza o acontecimento, o que se está fazendo “é suplantar e falsear este último (...). Ao ser fragmentado, o que antes foi simultâneo se transforma em sucessivo. Assim, o acontecimento é delimitado com um princípio e um fim

¹ Este memorial, escrito no segundo semestre de 2019, foi defendido em 02 de março de 2021 devido à pandemia de coronavírus. A banca examinadora foi composta pelos Profs. Helena Bomeny (presidente), Gláucia Villas Boas, José Reginaldo Gonçalves, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Roberto DaMatta. Agradeço a Vania Belli e Antoneli Matos Belli Sinder as sugestões e revisões efetuadas no texto.

artificiais, que ficam a critério, sempre discutível, do narrador; é ele que os estabelece. Inevitavelmente se introduz um ponto de vista e, portanto, uma subjetividade. Quando menos se espera, as pessoas adjetivam, e os adjetivos habitam no reino da imprecisão~.

Aqui, trata-se aqui de realizar a narrativa de uma trajetória acadêmica - produção de um memorial, uma biografia, forma cultural de narrar a experiência - que, para tomar de empréstimo uma expressão de Pierre Bourdieu, é uma ilusão; uma ilusão biográfica, pois a narrativa da experiência é distinta da vivência em si e, como nos ensina M. Halbwachs, o presente interfere no passado.

Arrumar os acontecimentos, de forma a produzir uma biografia acadêmica, implica em estabelecer conexões - tanto as que entendemos como necessárias como as que são vistas como intercontingentes (Becker, H.). O memorial não segue regras estabelecidas, mas faculta ao autor a liberdade de mostrar sua própria abordagem sobre sua história (profissional). São nessas diferentes abordagens que os autores (afinal, what is an author?) acabam por se separar, pois elas são produtos não apenas do que se fez, mas fundamentalmente dos valores que se atribui, no momento mesmo da escrita, a cada coisa que se fez.

Destaco, a seguir, acontecimentos e questões que atravessaram e marcaram minha formação como pesquisador e docente. A fim de produzir tal narrativa, adoto aqui a postura do caçador Cree que teria ido a Montreal testemunhar em um julgamento relativo às terras onde caçava, no novo projeto hidrelétrico de James Bay. Como nos conta James Clifford, em *Verdades Parciais*, ele deveria descrever seu modo de vida, mas quando foi fazer o juramento, (~jura dizer toda a verdade, somente a verdade e nada mais do que a verdade~), hesitou - ~Não tenho certeza se posso dizer a verdade... só posso dizer o que sei~.

Início

Meus avós maternos, oriundos da Bessarábia (então uma fronteira móvel entre a Rússia e a Romênia), vieram para o Brasil no início da década de 20 do século passado fugindo dos pogrons que vinham ocorrendo de forma sistemática. Com o apoio de amigos e parentes que haviam chegado anteriormente, conseguiram se estabelecer como pequenos comerciantes em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Tiveram cinco filhos, dois homens e três mulheres, todos estudavam e trabalhavam na loja. O mais velho estudou e formou-se em Odontologia, o mais novo tornou-se comerciante, dando continuidade ao comércio dos meus avós. Minha mãe veio para a cidade do Rio de Janeiro

trabalhar e estudar na Academia de Comércio Cândido Mendes, ou Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes, tendo se formado em contabilidade enquanto suas duas irmãs tornavam-se mães de família.

A família do meu pai, também oriunda da Bessarábia, repete a história de tantos imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século passado. Meu avô viajou para o Brasil sozinho, deixando a esposa e dois filhos pequenos na Bessarábia. Aqui conseguiu apoio e ajuda de parentes e amigos que haviam chegado anteriormente, tendo então conseguido trabalhar e juntar dinheiro para trazer a família algum tempo depois. Meu avô tornou-se prestamista e, até onde sei, sofreu fortemente o impacto da crise de 1929, que fez com que meu pai (filho primogênito) deixasse os estudos no final do curso primário, para trabalhar e ajudar no sustento da família. Meu pai prosseguiu trabalhando no comércio enquanto seus irmãos, posteriormente, acabaram por completar seus estudos, formando-se, respectivamente, um em Direito e o outro em Medicina.

Com a ajuda dos meus avós, meus pais conseguiram abrir um pequeno comércio em Neves, bairro de São Gonçalo. Tiveram um primeiro filho - que nasceu com um problema cardíaco e acabou por falecer ainda com um ano de idade. Posteriormente, nasceu meu irmão e cinco anos mais tarde eu, o caçula.

Meus pais sempre trabalharam muito e de forma ininterrupta. Fomos educados de forma a não precisar ganhar a vida atrás de um balcão, como dizia minha mãe. Meu irmão tornou-se economista e eu, antropólogo e professor universitário. A educação, a instrução e a cultura sempre foram um bem privilegiado em nossa casa, não somente como meio de ascensão social, mas como uma forma de articulação entre a tradição e o porvir.

Meus primeiros anos de escola foram no Centro Israelita de Niterói, que oferecia o ensino regular até a quarta série primária. A continuidade dos estudos deveria se dar através de concurso para ingresso no ginásio em algum outro estabelecimento escolar. Lembro de ter feito prova para três escolas em Niterói: Liceu Nilo Pecanha, Colégio Brasil e Centro Educacional de Niterói. Fui aprovado em todas as três. Como quase todos da minha turma do primário, ingressei no Centro Educacional de Niterói, em 1969, para cursar a admissão.

Fundada em 1960, sob a direção da Profa Myrthes Wenzel, a Fundação Centro Educacional de Niterói tinha como proposta ser uma escola diferente, uma escola de formação que desse ao aluno oportunidade de desenvolvimento, fundamentado na liberdade e responsabilidade deste e do professor. Dentro da filosofia da Escola Nova, apresentavam-se propostas curriculares alternativas, em que a experimentação e a construção do conhecimento e da singularidade eram prioridades. Era uma escola de vanguarda e experimental. Nesse

ambiente, em pleno governo Medici, aprendi a usar a criatividade com autonomia. Lembro de professores e disciplinas que deixaram marcas - tanto no plano do conhecimento como no da criação. Em especial, recordo-me das aulas de História, ministradas pelo Prof. Aldemir Batissaco, quando estava na 3a ou 4a serie do ginásio, em que tínhamos painéis, pesquisa de campo, seminários e simulados inovadores. Lembro de ter lido, em 1972 ou 1973, a *História da Riqueza do Homem*, de Leo Huberman, traduzido e editado pela Zahar para o português em 1970. Fiquei fascinado com a apresentação de uma nova perspectiva para conhecer a história, nas palavras de Huberman, ~explicar a história pela teoria econômica e a teoria econômica pela história~. Nesta época, eu fazia parte de um movimento juvenil judaico (sionista-socialista) onde leitura e discussão de questões nacionais, em geral, e nacionalismo judaico, em particular, eram objeto de reflexão. Como leituras fundamentais, lembro em especial das propostas de Theodor Herzl e de Ber Borochov.

Frequentei esse grupo até 1977, tendo morado e estudado em Israel durante todo ano de 1976. Morei parte do tempo em Jerusalém onde fiz um curso junto com jovens judeus do hemisfério sul e parte em um kibutz, onde experimentei a vida em uma colônia agrícola. Em 1977, já de volta ao Brasil para concluir o ultimo ano do segundo grau, comecei a preparar minha volta para Israel e apresentei minha candidatura à Universidade de Jerusalém, onde pretendia estudar Sociologia no ano letivo de 1978, que começaria em setembro. Tinha então 19 anos e, como nesse momento, muitas possibilidades se abriam, fiz também vestibular para Ciências Sociais, tendo colocado como primeira opção a Universidade Federal Fluminense - UFF.

Fui aceito em Jerusalém e fui aprovado na UFF. Terminado o segundo grau, resolvi fazer um `mochilão` na América do Sul antes da próxima escolha. Viajei junto com meu irmão, Mauro, por parte da Argentina e do Chile durante dois meses. Nessa viagem, experimentei uma modalidade de pertencimento nova: ser sul-americano. Quando voltamos, comecei a frequentar o curso de Ciências Sociais na UFF, ainda sem perceber que já tinha feito uma escolha.

Formação

Em março de 1978 comecei o curso de Ciências Sociais na UFF. Éramos, no total, 40 alunos nos cursos introdutórios - Sociologia, Política e Antropologia. O curso de Ciências Sociais estivera paralisado por uma greve no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia durante o segundo semestre de 1977. A agitação na Universidade era grande nesse momento. Dentre os primeiros cursos, tenho

lembrança especial do curso de Introdução à Antropologia que, à época, era uma breve apresentação das principais questões da Antropologia – em especial questões relativas ao etnocentrismo e ao relativismo, e uma apresentação cronológica das “escolas do pensamento antropológico” (lembro de ler a História da Antropologia, de Paul Mercier, Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas, organizado por Jean Copans e textos de vários antropólogos). Tudo isso no ritmo acelerado do meu primeiro professor de antropologia, Roberto Kant de Lima - que estava, naquela ocasião, fazendo mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGAS/MN-UFRJ. Sua situação acadêmica fez com que os pescadores de Itaipu – sujeitos da pesquisa de Roberto Kant, estivessem oportunamente presentes em nossas aulas, independente de qual escola do pensamento antropológico estivéssemos discutindo. Durante o curso, fomos encarregados de apresentar seminários e o texto que coube ao meu grupo me marcou profundamente: *Raça e História*, de Claude Levi-Strauss. (em especial, a questão do etnocentrismo e o *optimum de diversidade*)- Fomos introduzidos à Sociologia por uma jovem e tímida professora, Aurila, curso que tenho pouca lembrança, e à Ciência Política, por Chico Ferraz – em uma viagem de Platão a Rousseau. Tenho ótimas lembranças deste início de curso e dos novos amigos que fiz já no primeiro trabalho de grupo dos muitos que viriam. Não me lembro de todos, mas, se não me falha a memória, nosso primeiro grupo de seminário era composto por Germana, Cecília, Cançado, Mabel, Luzia e Luis Fernando.

Estávamos vivendo a ‘abertura política’ e o clima dentro da Universidade ainda era tenso. Lembro do clima de desconfiança, de debates no DCE, do desaparecimento de colegas e de discussões políticas intermináveis. Em meio a tudo isso, nossos cursos iam acontecendo – a grande maioria de forma satisfatória. O curso de Ciências Sociais era estruturado de forma a obrigar todos os estudantes a cursarem, no ciclo básico, 4 disciplinas de Antropologia, 4 de Sociologia e 4 de Ciência Política – em conjunto com outras que completavam o *curriculum* mínimo (História, Economia, Filosofia, Estatística, Metodologia das Ciências Sociais). O restante da carga horária deveria ser concluído com optativas oferecidas pelo próprio Departamento e algumas poucas eletivas que poderiam ser cursadas em outros Departamento da Universidade. Cursei praticamente todas as disciplinas optativas oferecidas na área de antropologia - Antropologia Urbana, trabalho de campo em antropologia, sociedades camponesas, Antropologia econômica, Antropologia política, Antropologia de Lévi-Strauss, Antropologia de Marcel Mauss. Os professores foram Simone Lahud Guedes, Marco Antonio da Silva Mello,

Delma Pessanha Neves, Almir Abreu dos Santos, Roberto Kant de Lima, Laurita Andrade Sant'Anna dos Santos e Wagner Neves Rocha. No que diz respeito às disciplinas cursadas fora do Departamento, tive a oportunidade de ser aluno de Clauze Abreu, do Departamento de Psicologia e Claudio Ulpiano do Departamento de Filosofia – saudosos mestres do livre pensar que muito contribuíram para minha formação. Durante o curso, fui monitor de Antropologia junto a Wagner Neves Rocha, que foi orientador de minha monografia de conclusão do bacharelado. Aprendi muito com ele.

Ainda em 1978, comecei a frequentar um grupo de estudos com o professor Clauze, onde líamos e discutíamos epistemologia – Bachelard, Koyre, Canguilhem e, em especial, Michel Foucault. Esse grupo era composto por alguns outros professores e alunos do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia /ICHF. Dentre os membros permanentes do grupo de estudos, lembro que faziam parte Luis Carlos Cançado Peixoto, Marcio Goldman, Tania Stolze e Zairo Chieub. As reuniões começavam no final da tarde e acabavam já de madrugada em algum bar ou restaurante de Niterói. Neste grupo, conheci Vania Belli, então aluna do curso de Psicologia. Começamos a namorar em outubro deste ano e em 1979 juntamos nossa paixão e nossos livros e fomos viver juntos. Companheira inseparável desde então – faz com que seja impossível pensar minha trajetória sem a sua presença, - que agradeço e que me faz muito feliz.

Li muito durante o período que cursei a graduação em Ciências Sociais e vários autores e obras foram importantes. Entretanto, no que diz respeito a Antropologia, disciplina que escolhi desde o início da graduação, dois livros que apareceram em 1979 foram marcantes. O primeiro havia sido publicado originalmente em inglês, em 1976, e foi traduzido e publicado em português em 1979, *Cultura e Razão Prática*, de M. Sahlins e o segundo, *Carnavais, Malandros e Heróis*, publicado por Roberto DaMatta neste mesmo ano.

Lembro do impacto produzido pela leitura de Sahlins e a descoberta da possibilidade de pensar tanto a antropologia quanto a sociedade desde as relações estabelecidas a partir da razão cultural e da razão prática. Li também, nesse mesmo ano, o artigo de Sahlins – *A primeira sociedade de afluência*, junto com leituras e releituras do Prefácio de Marx da *Contribuição à crítica da economia política*, assim como *A Sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres, publicado em português em 1978.

Carnavais, Malandros e Heróis, foi outra história. Ouvíamos falar muito de Roberto DaMatta em nossos cursos de antropologia. Vários de nossos professores tinham cursado ou estavam cursando o Mestrado em Antropologia

Social do Museu Nacional e eram, ou tinham sido, alunos/orientandos dele no Programa. Ouvíamos falar que o “Matta” estava terminando um livro sobre rituais. A publicação deste livro era esperada.

Quando o livro foi publicado em 1979, eu já havia lido o artigo *O carnaval como um Rito de Passagem*, publicado em *Ensaaios de Antropologia Estrutural*, 1973 e o artigo *Carnavais, Paradas e Procissões - Reflexões sobre o mundo dos ritos*, publicado no primeiro número de *Religião e Sociedade*, em 1978. A leitura de *Carnavais* foi uma grata surpresa. Encontrei no livro, não só uma discussão com autores e teorias que havia estudado nos cursos de teoria antropológica, como uma reflexão original sobre o Brasil através destes diálogos (além de referências a autores e obras que me encantavam, como Otavio Paz e Thomas Mann). Para além das explicações históricas e ou ideológicas, vi descortinar a possibilidade de pensar o Brasil como drama social, parafraseando Geertz – através das histórias que os brasileiros contam para eles mesmos, sobre eles mesmos.

Em julho de 1980, faltando um semestre para a conclusão da graduação, fiz a prova de seleção e fui aprovado para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ. Comecei a cursar o mestrado do Museu Nacional, em março de 1981, com a intenção de trabalhar com relações interétnicas, provavelmente, com grupo indígenas. Tenho boas memórias dos cursos que frequentei durante o mestrado. No primeiro semestre, cursei, com Rubem César Fernandes, a disciplina obrigatória de Teoria Antropológica e uma disciplina oferecida por Giralda Seyferth sobre relações interétnicas. Em seguida, lembro da segunda obrigatória de teoria, que tinha também uma entrada como Organização Social e Parentesco, que cursei com Anthony Seeger e uma eletiva, oferecida pelo Professor Visitante Pierre Maranda, especialista em mitologia, estruturalismo e semiótica. Este foi um curso marcante onde fizemos a leitura comparada do livro de A. Seeger, *Nature and Society among the Suyá* e de *Carnavais, Malandros e Heróis*, através da proposta de Maranda de construção de cubos semiográficos. Hoje, olhando para a forma como meus interesses se articulavam, acredito que, nesse período, a epistemologia e as teorias, em especial o estruturalismo, se tornaram o centro dos meus estudos. Cursei também um seminário oferecido pelo Professor Visitante Terence Turner, quando voltei a ler Marx, e uma disciplina ministrada por Roberto DaMatta em que, para minha grata surpresa, discutíamos Brasil através de leituras de Weber e Tocqueville.

Lembro de ter participado pela primeira vez, ainda como aluno, de uma reunião da ANPOCS, em 1981, em Nova Friburgo, num momento de grande efervescência política, marcada pela abertura.

No fim do primeiro semestre do curso no PPGAS, conversei com meu orientador, Eduardo Viveiros de Castro, que então se dividia entre suas atividades docentes no Museu Nacional e sua pesquisa de doutoramento entre os Arawete, e mudei meu projeto de dissertação de mestrado. Sem muita clareza sobre o que exatamente queria fazer, comecei a aprofundar meus estudos sobre estruturalismo, linguística, mitologia e teoria literária.

Partindo de Lévi-Strauss, comecei a entender a possibilidade de pensar a sociedade como se fosse linguagem, ou melhor, estruturada como se fosse linguagem – social, sistemática e inconsciente. Hoje vejo a importância que teve na minha formação aprender antropologia a partir das leituras de Lévi-Strauss. *Tristes Trópicos, Antropologia Estrutural, Antropologia Estrutural Dois, Introdução à obra de Marcel Mauss, Estruturas Elementares do Parentesco, Pensamento Selvagem, Mitológicas, Mito e Significado* – me (re)apresentaram autores e teorias de forma bastante distinta. Estudiosos do estruturalismo também fizeram parte desta minha viagem. Em se tratando do estruturalismo de Lévi-Strauss, lembro, em especial, de Yvan Simonis e Mireille Marc-Lipiansky. Foi marcante também a leitura de *Estruturalismo: antologia de textos teóricos e os artigos de G. Deleuze – Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* e o de L. Althusser, *Freud e Lacan – Marx e Freud*.

Quanto mais eu lia mais ia ficando seduzido pelo estruturalismo e me dava conta de generalizações e simplificações. Questões fundamentais como a relação entre história/etnologia e sincronia/diacronia eram, de maneira geral, tratadas de maneira apressada e com soluções por demais definitivas. Ora declarava-se a “vitória” da história ora da etnologia - reforçando as análises sincrônicas ou as diacrônicas. Os que criticavam os estruturalistas eram tachados de historicistas que, reagiam, chamando os estruturalistas de a-históricos.

A leitura do capítulo “A estrutura e a forma” (cap. VIII) e “Respostas a pesquisas jornalísticas”, em especial “Estruturalismo e crítica literária” (Cap. XV, 2), ambos publicados em *Antropologia Estrutural Dois*, foram fundamentais para nortear o trabalho que eu estava fazendo. As reflexões sobre o livro *Morfologia do Conto*, de Valdimir Propp, em “A estrutura e a forma”, conjugado com a resposta de Lévi-Strauss sobre a possibilidade de introduzir os métodos estruturalistas em uma tradição crítica que provinha essencialmente do historicismo, orientaram e embasaram a questão de fundo que acabou por orientar minha dissertação de mestrado a qual caminhava para uma reflexão sobre antropologia da literatura. Como alertava Lévi-Strauss, o problema não era a introdução do estruturalismo em uma tradição fortemente historicista, mas, ao contrário, era

a própria existência desta tradição histórica que poderia fornecer uma base aos empreendimentos estruturais: “... a condição de possibilidade para que a crítica literária e a história das ideias possam tornar-se verdadeiramente estruturais, é encontrarem-se, fora delas, os meios de uma dupla verificação objetiva. (...) De um lado, ao nível da análise linguística e mesmo fonológica, em que os controles podem-se fazer independentemente das elaborações conscientes do autor e do seu analista; e de outro, ao nível da investigação etnográfica, isto é, para sociedades tais como as nossas, ao nível da história externa (1976, p. 282).

Comecei a entender, para além de generalizações e simplificações, a formulação de Lévi-Strauss de que, se um pouco de história nos afasta do estruturalismo, muita a ele nos conduz.

Já a leitura de Roland Barthes, nesse momento, principalmente, *Mitologias e Elementos de Semiologia*, me fez entender o alcance de pensar o social como sistema simbólico. Aos poucos, fui caminhando para a leitura de teoria da literatura (junto com minha paixão antiga pela literatura, *tout court*). Tenho lembrança de ler *Teoria da literatura em suas fontes e Estruturalismo e teoria da literatura*, de Luiz Costa Lima, de *Os Universos da Crítica*, de Eduardo Prado Coelho, *Historia Social da Literatura e da Arte*, de A. Hauser e e da *História da Literatura* de Vitor Manuel de Aguiar e Silva, que me serviram de guia para entrar neste universo até então pouco conhecido. Saussure, Benveniste, Martinet, Jakobson, os formalistas russos e os estruturalistas tchecos, L. Goldman, Escarpit, Lukacs, Auerbach – passaram a fazer parte de minhas estantes e fui entrando cada vez mais no universo da semiologia e da semiótica.

O mapeamento desse campo que só fazia se alargar – tinha como intenção uma reflexão sobre antropologia da literatura e, se possível, a realização da análise de algum autor brasileiro. Lembro de ter pensado em Guimarães Rosa e em Jorge Amado. Cheguei a ensaiar a realização de uma etnografia com esses autores e suas obras, mas o tempo passava e acabei decidindo que isso poderia ficar para uma etapa posterior – talvez o doutorado. O apoio e as conversas que tive com Vania, Luis Carlos Cançado Peixoto, Helio R. Silva, Luiz Eduardo Soares e Italo Moriconi foram fundamentais tanto para a defesa da dissertação quanto para a aposta em projetos futuros.

Defendi a dissertação *Antropologia da literatura: a obra literária como mediação do simbólico*, antes do início do primeiro semestre de 1986, tendo na minha banca, além do meu orientador, Eduardo Viveiros de Castro, a presença de Luis Fernando D. Duarte e de Heidrun O. Krieger.

Neste trabalho, mediante a delimitação de um mapa que serviu como fator de inteligibilidade de percursos no campo dos estudos literários, procurei

delinear questões que uma análise antropológica da literatura teria que se defrontar. O paradoxo da irredutibilidade do romance a uma realidade que, no entanto traduz, emergiu como fundamental. Através dos ensinamentos contidos principalmente na antropologia estrutural de Lévi-Strauss, tentei chegar a uma superação do paradoxo apontado, apresentando a obra literária como mediação do simbólico. Por fim, a partir do questionamento da função simbólica, conjugado com a questão da história, procurei indicar o que me pareceu constituir os limites da análise antropológica da literatura, apontando novas frentes que podem se constituir a partir dos ensinamentos estruturalistas. Essas questões acabaram por apontar para um possível encontro entre o estruturalismo e a hermenêutica.

A partir da pesquisa da dissertação de mestrado publiquei o artigo *À procura da cultura: reflexões a partir do labirinto da Saudade*, no volume dedicado aos Territórios da Língua Portuguesa, culturas, sociedades, políticas, em publicação oriunda do IV Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.

Em março de 1986 comecei o doutorado em Literatura Comparada na PUC-Rio; ou melhor, começamos - Vania e eu. Vania havia defendido sua dissertação de mestrado no Programa de Psicologia da PUC-Rio em meados de 1984 e nosso primeiro filho, Thiago, nasceu em janeiro deste mesmo ano.

Ambos queríamos dar continuidade às nossas formações específicas em Psicanálise e em Antropologia articuladas à Literatura. O programa de Literatura Comparada da PUC-Rio oferecia então a possibilidade de desenvolvimento de estudos interdisciplinares.

Fomos alunos de Affonso Romano de Sant'Anna, Silviano Santiago, Luiz Costa Lima, Cleonice Berardineli, Heidrun Krieger, Junito Brandão, Jorge Fernandes da Silveira, em um ambiente acadêmico em que antropologia, sociologia, psicanálise e filosofia faziam parte do universo em discussão. Após a conclusão das disciplinas do doutorado, aplicamos e foram concedidas bolsas para conclusão de doutorado, na categoria pesquisador visitante, do Fulbright Program, que iria propiciar nossa primeira experiência acadêmica fora do Brasil com o o Capes/Fulbright Program Scholarship.

Entre 1989-90, fomos passar um ano em South Bend, no Kellogg Institute da Universidade de Notre Dame, Indiana, como *Visiting-Scholars*, onde fomos recebidos pelo meu ex-professor do Museu Nacional, Roberto DaMatta e por sua esposa Celeste. A ajuda, a hospitalidade e o apoio que recebemos do casal, desde antes mesmo de nossa chegada, foram fundamentais, não só para uma ótima experiência na Universidade de Notre Dame como, principalmente, para a consolidação de uma amizade que não para de se fortalecer desde então.

A comunidade acadêmica brasileira em South Bend era pequena. Conhecemos e nos tornamos amigos de Luis Antonio Paixão, que na época era *Fellow* no Kellogg Institute, Caio Blinder, aluno do curso de doutorado em Ciência Política na Universidade e sua esposa Alma, Mario e Nancy, ambos matemáticos da UFF, que estavam fazendo pôs doutorado e Fred Xavier, professor do departamento de Matemática da Universidade.

A experiência em uma Universidade norte-americana, frequentando seminários, cursos como ouvinte e, principalmente, tendo acesso à biblioteca e suas múltiplas possibilidades, foi fundamental para o sucesso de nosso trabalho. O prédio de 14 andares da Biblioteca Hesburgh, com seu sistema de open-stack, onde, além dos livros, tínhamos acesso a coleções completas de revistas acadêmicas, jornais diários e revistas de todo o mundo, nos proporcionava uma experiência de estudo e pesquisa que nem imaginávamos possível. Compramos, na loja da Universidade, nosso primeiro computador e impressora da Macintosh, no qual instalamos um editor de texto, programa de organização de bibliografia e fichamento de leituras.

Tudo isso gerou uma experiência acadêmica inteiramente nova e gratificante. Durante o período de vigência da bolsa, tivemos a oportunidade de participar na University of California, Los Angeles/UCLA, de um *Symposium on Portuguese Traditions*, seminário promovido pelo *Portuguese Studies Department*.

Neste simpósio, apresentei um *paper* sobre Literatura e Sociedade em Jorge Amado, posteriormente publicado na Revista do *Latin American and Portuguese Studies*. Essa experiência somente foi possível graças à bolsa que recebia como Fulbright Scholar.

Durante nossa estadia em Notre Dame, a busca, leitura e cópia xerox de bibliografia relacionada a antropologia e literatura começaram a se avolumar. Praticamente todas as referências que apareciam em algum texto que lia, fichava e anotava, eu encontrava no acervo da biblioteca que, ao ser lido, indicava outras possibilidades. Vários foram os textos lidos naquele momento que foram fundamentais para o meu trabalho. Comecei a mapear e delimitar a discussão sobre etnografia e literatura presente, principalmente, em ensaios publicados em revistas de antropologia e livros editados nos EUA desde o início dos anos 1980. Revistas como - *Representations, Dialectical Anthropology, Current Anthropology, Cultural Anthropology* e autores - novos e antigos conhecidos, como C. Geertz, J. Clifford, G. Marcus, M. Fischer, D. Cushman, S. Tyler, V. Crapanzano, M. L. Pratt, R. Rosaldo, J. Boon, K. Dwyer, J. Fabian, S.

Ortner, S. Fish, P. Rabinow, B. Scholte, G. Stocking Jr. e tantos outros foram sendo incorporados na trama teórica que eu estava começando a tecer.

Dentre tantos autores e ensaios, foi fundamental, inicialmente, a leitura do artigo de G. Marcus e D. Cushman, *"Ethnographies as Text"* (1982), o artigo de J. Clifford, *"On Ethnographic Authority"* (1983), o livro editado por J. Clifford e G. Marcus, *Writing Culture- The Poetics and Politics of Ethnography*, publicado em 1986, assim como vários experimentos de escrita etnográfica. O artigo de Marcus e Cushman veio ao encontro de minhas reflexões sobre antropologia e literatura, ao problematizar a possibilidade de entender a antropologia/etnografia como texto – como escrita da cultura. O livro, organizado por Marcus e Clifford, fruto de um Seminário realizado na School of American Research em Santa Fé, em abril de 1984, me possibilitou o encontro, nos diversos ensaios ali publicados, de novas maneiras de pensar e fazer etnografia/antropologia, assim como o diálogo com várias questões relativas à antropologia e à literatura que vinham me provocando ainda sem muita clareza. Li também *Anthropology as Cultural Critique – An Experimental Moment in Human Science*, de Marcus e Fischer (1986) e fui apresentado ao livro de J. Clifford, *Predicament of Culture – Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art* (1988). Aos poucos, o volume de cópias xerox de artigos se avoluma ainda mais e a compra de livros recém descobertos, ou de difícil acesso no Brasil, ia se intensificando.

Em nossas idas a Chicago éramos presença constante na Seminary Co-op Bookstore, livraria na Universidade de Chicago, que tinha um dos maiores acervos de livros acadêmicos do mundo. Ainda em Chicago, lembro também do impacto que me causou a visita ao Field Museum of Natural History, ao me deparar com coleções fantásticas e ver os objetos do Kula, descritos por Malinowski e com uma quantidade enorme de totens de grupos nativos da costa noroeste da América do Norte, que conhecia através dos livros de Boas.

No retorno ao Brasil, em meados de 1990, minhas explorações pelo universo da antropologia e da literatura estavam me conduzindo para uma viagem tipicamente antropológica, ou seja, operando um deslocamento que me colocava, cada vez mais, do ponto de vista do nativo. Se no mestrado eu havia adotado o ponto de vista das teorias antropológicas para pensar a literatura, agora, no doutorado, caminhava cada vez mais para pensar a antropologia a partir das teorias da literatura e, se possível, produzir uma diálogo entre esses saberes. A leitura de V. M. de Aguiar e Silva, M. Foucault, H. White, R. Koselleck, P. Veyne, W. Benjamin, T. Todorov, junto com cronistas, historiadores, etnógrafos e viajantes em suas aventuras reais e ficcionais,

demarcavam novos rumos para minha viagem. A escrita impunha diferentes articulações e discussões, cada vez mais transdisciplinares.

Defendi a tese *Configurações da Narrativa: Verdade, Literatura, Etnografia* no segundo semestre de 1992, tendo na banca meu orientador Affonso Romano de Sant'Anna e os professores Roberto DaMatta, Patricia Birman, Karl-Eric Shcollhamer e Everardo Rocha. A Professora Heidrun O. Krieger, presidiu a banca e representou meu orientador que teve que se ausentar do país nesta data devido a um compromisso agendado em cima da hora, onde ele, como Presidente da Biblioteca Nacional, deveria comparecer. Quando soubemos da coincidência da data da defesa e daquele compromisso, optamos por realizar a defesa na data agendada dado a dificuldade de compatibilizar dias e horários de todos os membros da banca.

A defesa da tese aconteceu em uma sexta-feira e dois dias depois, no domingo, fui acordado pelo telefonema de uma amiga perguntando se eu já havia lido a crônica semanal do Affonso Romano de Sant'Anna, no caderno B, do Jornal do Brasil. Para minha grata surpresa, a crônica daquele domingo, intitulada *Don Quixote e Colombo*, era um generoso comentário sobre a minha tese, no qual, ao discutir questões relativas às configurações das narrativas históricas e ficcionais, eu havia dedicado um capítulo à comparação das viagens destes dois personagens, a partir do relato de Cervantes em *Don Quixote* e de Colombo em seu Diário.

Como fruto da tese de doutorado, publiquei em 1992, no livro *America: Descoberta ou Invenção*, comemorando os 500 anos da America, artigo intitulado *O Encontro com a diversidade da Linguagem*. Publiquei na Revista *Travessia* (UFSC), no número dedicado a gêneros ex-cênicos (1995), artigo produto da tese, intitulado *A (Autor)idade da Escrita - etnografia e Narrativa* e o artigo *A Escrita da Cultura*, em *Paradoxa -Projetivas Múltiplas em Educação* (1999). Além disso, ainda como produto da tese, realizei junto com Luis Eduardo Soares e João Trajano Sento-Sé entrevista com George Marcus, publicada em *Interseções*, v.1, n1, 1999 (Uerj).

Atividade docente e pesquisa

Contando desde o final da minha graduação, 14 anos haviam se passado e durante todo esse período, além de participar em diversos eventos acadêmicos, escrever inúmeros relatórios, publicar artigos, sempre mantive atividades docentes em diferentes universidades desde o início do meu mestrado.

Ainda durante a realização do Mestrado no PPGAS-Museu Nacional, iniciei minha trajetória docente na Faculdade de Direito Candido Mendes, onde permaneci de 1982 até 1986, ministrando o curso de Introdução à Sociologia para o curso de Direito. Logo em seguida, no segundo semestre de 1982, indicado por Luis Eduardo Soares, comecei a dar aula também na Faculdade da Cidade, de Introdução a Antropologia, onde permaneci até dezembro de 1987. Em março de 1987, fui admitido no Quadro Complementar do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio e logo em seguida como Professor Colaborador no Departamento de Ciências Sociais da UERJ, entre maio e dezembro de 1987 e entre abril e dezembro de 1988. No início de 1989, fui aprovado no concurso público para a área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais, junto com o saudoso Luis Rodolfo Paixão Vilhena. Nesse mesmo concurso, ingressaram também, para Sociologia, Helena Bomeny e José Augusto Rodrigues e para Ciência Política, Hugo Lovisoló.

Havia pouco tempo que a UERJ estava realizando novos concursos para a carreira docente. Tínhamos então como Reitor, Ivo Barbieri, primeiro reitor eleito pelo voto direto da comunidade universitária em 1988, e como Sub-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, Reinaldo Guimarães. Promessa de novos tempos.

O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, dirigido à época por Sandra Carneiro, estava começando a se estruturar em novos moldes, em um movimento na Universidade que apostava na capacitação dos docentes, assim como fortalecimento da pesquisa junto com a docência e a extensão. Já em 1990, movido pelo desejo de estruturar e fortalecer o Departamento de Ciências Sociais, foi organizado um Seminário para discutir a formação do Cientista Social no Brasil, que contou com a presença de antropólogos, sociólogos e cientistas políticos. Os textos apresentados e discutidos no seminário foram publicados no livro *As assim chamadas Ciências Sociais (1991)*, editado e organizado por Helena Bomeny e Patricia Birman.

O seminário que discutiu as Ciências Sociais no Brasil serviu como substrato para o amadurecimento da reflexão que vínhamos fazendo sobre o curso de Ciências Sociais na Uerj e a produção de projetos e propostas. Foi discutido e aprovado um novo currículo para a graduação e teve início o movimento que culminou na criação do nosso Programa de Pós-Graduação que nasceu em 1994. No final de 1994, uma surpresa bem-vinda se incorporou a nossas vidas: nascia também nosso segundo filho, Bruno.

Éramos poucos e nem todos doutores nesse momento. Eu havia sido sub-chefe de Departamento em 1990. Em 1993, logo após a defesa de minha tese de

doutorado, assumi a tarefa de conduzir os tramites burocráticos de aprovação de nosso programa de Pós-Graduação, tendo me tornado seu primeiro coordenador em 1994-1995. Fui editor da Revista do PPCIS, Interseções, junto com Clarice Peixoto e Miriam Santos, desde seu primeiro número em 1999 até 2005.

Aos poucos, o Departamento der Ciências Sociais foi se reestruturando e conseguimos que novos concursos fossem realizados. Durante os anos 1990, juntaram-se a nós, a partir de concursos, ou oriundos de outras unidade da Universidade, Maria Luiza Heilborn, Claudia Barcellos Rezende, Clarice Ehlers Peixoto, Rosane Prado, Maria Claudia Coelho, Silvana Miceli, Marcia de Vasconcelos Contins Goncalves, Alba Zaluar, Clara Cristina Jost Mafra, Patricia Monte-Mor Alves de Moraes, Antonio Carlos Peixoto, Luis Eduardo Soares, João Trajano Sento-Sé, Myrian Sepulveda dos Santos, Carlos Eduardo Rebello de Mendonça, Cecilia Marinz e Clara Araujo.

Além das atividades acima mencionadas, continuei como Professor do quadro complementar do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio até 1994, quando fui promovido ao Quadro Principal. O Departamento era então dirigido por Lélia Gonzales, falecida em 1994. Fui Diretor do Departamento na gestão 1995-96, quando fui um dos responsáveis pela reestruturação do Curso de Ciências Sociais da Universidade junto com Maria Sarah da Silva Telles, Sonia Giacomini e Eduardo Raposo. Desde então, venho desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, administração acadêmica e extensão nesta Universidade, atuando solidamente na graduação e na pós-graduação.

Em 1996, fui aceito como *Visiting Scholar* no Institute of Latin American da Universidade do Texas, em Austin, para realização de pós-doutorado e para trabalhar junto ao Prof. Enylton do Sá Rego. Seu apoio foi inestimável e uma nova amizade começou ali a ser gerada. Nesta ocasião, conheci também Hal Langfur, que estava realizando seu doutorado na Universidade, com especialização em História Colonial do Brasil, e sua esposa Kerry. Nossa parceria e amizade vem se solidificando desde então. A participação nos seminários do Institute of Latin America Studies e no Brazil Center da Univertsiy of Texas, a possibilidade de frequentar alguns cursos como ouvinte e, principalmente, o acesso às bibliotecas da universidade, em especoal a Benson Latin American Collection, reconhecida pelo seu admirável acervo em Latin Studies, foram fundamentais para meus estudos e pesquisas.

Antes da minha viagem para Austin, Helena Bomeny, minha colega na UERJ, recomendou um grande amigo, historiador mexicano, Mauricio Tenorio-

Trillo, professor no departamento de História da Universidade. Entrei em contato com ele e, desde então, estabelecemos uma ótima parceria acadêmica e uma boa amizade.

O ano que passamos em Austin foi extremamente produtivo e gerou vários desdobramentos. Eu estava trabalhando com o que se convencionou chamar no Brasil de Pensamento Social Brasileiro, e vinha frequentando já há algum tempo o GT de Pensamento Social Brasileiro na Anpocs e na ABRALIC. Estava relendo a literatura deste vasto campo, novelas, contos, os chamados intérpretes do Brasil e alguns críticos.

Mauricio Tenorio havia sido convidado para um Congresso - IV Coloquio Internacional de Investigación en las Humanidades - *El Otro Yo. Un enfoque interdisciplinar de la alteridad*, a ser realizado na Universidad Iberoamericana, na cidade do México. Acreditando que seria interessante contar com a presença de alguém falando a partir do ponto de vista do Brasil, Mauricio fez a mediação e fui convidado para participar em uma das mesas do Seminário. Escrevi um ensaio mapeando paradigmas do pensamento social brasileiro e sinalizando paradoxos que ali despontavam. Mauricio gentilmente traduziu o artigo para o espanhol e apresentei o trabalho "*Escritura y Construcción de Identidad en el 'Pensamiento Social Brasileño'*".

Neste congresso conheci Alfonso de Toro, chileno, radicado na Alemanha, Diretor do Instituto fur Romanistik da Universidade de Leipzig. Durante nossas conversas, pudemos estabelecer vários paralelos sobre nossos interesses acadêmicos em comum e, posteriormente, para minha grata surpresa, fui convidado para atuar como Professor Visitante para a Universidade de Leipzig.

O convite do Professor de Toro foi concretizado com minha estadia como Professor Visitante no Instituto fur Romanistik da Universidade de Leipzig de novembro de 1998 até fevereiro de 1999 e de novembro de 1999 até fevereiro de 2000, onde lecionei cursos sobre Pensamento Social Brasileiro e Cultura Brasileira. As conversas que tive com os saudosos Ricardo Benzaquén de Araujo e Santuza Cambraia Naves foram fundamentais para a elaboração destes cursos.

A partir desse período foi possível estabelecer um convênio entre a Uerj e a Universidade de Leipzig, mais precisamente, entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e o Institut fur Romanistik, que também possibilitou a ida dos Professores Helena Bomeny e João Trajano Sento-Sé, com Professores Visitantes em 2001 e 2002, respectivamente, assim como o desenvolvimento de projeto de cooperação internacional, *Communication in the*

Context of Postmodernism and Postcoloniality, coordenado na Uerj por mim e na Universidade de Leipzig pelo Prof. de Toro.

No âmbito deste convênio, publiquei dois artigos em 2002, um sobre o novo romance histórico brasileiro, produto de trabalho apresentado no GT de Pensamento Social Brasileiro da ANPOCS em 1999; e outro, com Paulo Jorge da Silva Ribeiro, sobre o Panorama da Crítica Cultural Brasileira, produto de trabalho que apresentei no Seminário *Humanwissenschaften unter Diktatur und Demokratisierung in Brasilien*, realizado na Universidade de Leipzig em 1999.

Alem disso, através do Prof. de Toro, recebi o convite da Editora Iberoamericana - Vervuert para publicar minha tese de doutorado na coleção *Teoria y Critica de la Cultura y Literatura*, que redimensionei e reescrevi durante esse período, para a publicação em 2002.

Em 1999, Paulo Jorge Ribeiro, meu primeiro orientando de mestrado, defendeu sua dissertação em nosso programa de pós-graduação em Ciências Sociais. Paulo Jorge havia sido meu orientando na graduação, e estaria também sob minha orientação no doutoramento, com tese defendida em 2005. Desde então, estamos cultivando nossa amizade e parceria intelectual. Publicamos diversos artigos em conjunto, participamos de mesas, GTS, orientações, comissões e bancas em diversas ocasiões. Atualmente, somos docentes do Instituto de Ciências Sociais da UERJ, onde continuamos a cultivar nossa parceria.

Entre os anos 1999 e 2000, como parte de minha inserção no grupo de reflexão sobre pensamento social brasileiro na ANPOCS, publiquei um artigo na Revista de Estudos Históricos do CPDOC, número dedicado aos Descobrimentos, artigo dedicado à reflexão sobre a reinvenção do passado e articulação dos sentidos nos novos romances históricos brasileiros (2000) e um capítulo sobre as fronteiras da nação e a construção das identidades plurais, no livro *O Brasil não é para principiantes - homenagem aos 20 anos de Carnavais, Malandros e Heróis de Roberto da Matta* (2000). Esses trabalhos foram apresentados e discutidos também no âmbito da ABRALIC - Associação de Literatura Comparada, de que participo desde a realização do meu doutoramento.

Em dezembro de 2000, indicado pelo Prof. Roberto da Matta, fui convidado para inaugurar a Notre Dame's Visiting Chair in the Study of Brazilian Culture, tendo apresentado a palestra *Nation and Narration in the Brazilian Historical Novel*, assim como aulas-palestras durante o mês que permaneci na Universidade de Notre Dame.

Naquela ocasião, tive a oportunidade de conhecer o Prof. Fred Dallmayr, que me convidou para co-editar com Jesse Souza um livro sobre pensamento sócio-político-cultural, na coleção *Global Encounters*. Fiquei responsável por redigir um artigo e pela organização da parte sobre Literatura e Cultura - e o livro, *Imagining Brazil*, foi publicado em 2005 pela Lexington Book, republicado em 2007 em paperback.

Em 2000, convidado pelo Prof. David Jackson, apresentei minha candidatura e fui selecionado como Professor Visitante - *Associate Visiting Professor of Anthropology and Rice Family Foundation Visiting Professor*, associado ao *Department of Anthropology and International and Area Studies*, na Yale University para o período que se iniciava em setembro de 2001 até maio de 2002. Durante essa etapa, dei continuidade a minhas pesquisas sobre pensamento sócio-cultural brasileiro, participei em seminários e ministrei cursos na graduação e na pós-graduação desta Universidade. Como produto parcial de pesquisas aí desenvolvidas, publiquei entre 2001 e 2002 artigo intitulado *Roberto da Matta and the in-between place of Brazilian culture*, em *Brazil 2001 - a Revisionary History of Brazilian literature and culture*, número especial de *Portuguese Literary & Cultural Studies*, University of Massachusetts Dartmouth, organizado por João Cesar de Castro Rocha, traduzido e publicado posteriormente em português no livro *Nenhum Brasil Existe - Pequena Enciclopedia*, em 2003. Publiquei em 2003, *Considerações sobre antropologia e literatura: o ensaio como escrita da cultura*, em *Literatura e Cultura*, livro organizado por Heidrun Krieger Olinto e Karl-Eric Scholhammer e em 2005, junto com Vania Belli, *Um país se faz com homens e livros: Monteiro Lobato e a formação de uma comunidade de leitores*, no livro *Pensamento Social Brasileiro*, Organizado por João Trajano Sento-é e Vanilda Paiva, também em 2005.

A partir de 2004, devido a questões familiares, nossas estadias no exterior ficaram restritas a curtos períodos, somente para participação em Congressos e Seminários de pesquisa. Em 2009, realizei um pós-doutoramento, desta vez no Rio de Janeiro, onde fui recebido como pesquisador visitante no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, pelo colega Celso Castro.

Fruto deste período, publiquei em 2010, o artigo *Construção da identidade no Pensamento Social Brasileiro*, no livro *Cenários Construtivistas - temas e problemas*, organizado por Daniela Beccaria Versiani e Heidrun Krieger Olinto.

Venho oferecendo cursos e desenvolvendo pesquisas na área de Pensamento Social Brasileiro - em diversas ocasiões junto com Helena Bomeny e João Trajano Sento-Sé, assim como Antropologia, Sociologia e Literatura, também compartilhado em várias ocasiões com Helena Bomeny, cursos sobre

Teoria Antropológica e Metodologia das Ciências Sociais, também partilhados em várias ocasiões com Maria Claudia Coelho e Claudia Rezende e recentemente com Waleska Aureliano. Resultados desses cursos e dessas pesquisas, tenho participado de eventos científicos, apresentando artigos e publicando em revistas e livros especializados. Publiquei, em 2004, junto com Maria Claudia Coelho, o artigo *De que Lugar Falamos: Reflexões sobre os Movimentos Pós-Moderno e Pós-Colonialista na Antropologia Brasileira, em Tudo e Brasil*, livro organizado por Lauro Cavalcanti para a mostra *Tudo e Brasil*.

Em 2007, publiquei *Considerações em torno do novo romance histórico brasileiro, no livro Expresiones liminales en la narrativa latinoamericana del siglo XX. Estrategias postmodernas y postcoloniales*, livro organizado por Alfonso de Toro e Rene Ceballos. Em 2013, em um dossiê sobre antropologia e literatura, organizado por Moacir Palmeira e Ana Carneiro, Revista de Ciências Sociais da UFC, publiquei *A produção da verdade narrativa nos Diários da Descoberta da América e nos relatos das aventuras de Dom Quixote de la Mancha*. Ainda em 2013, tive a oportunidade de participar junto com Clarice Peixoto, na realização do *Portrait Roberto DaMatta*, projeto desenvolvido com o apoio da FAPERJ. Em 2014, publiquei junto com Paulo Jorge da Silva Ribeiro, *O fazer etnográfico: entre práticas e representações da violência, em Redemocratização e mudança social no Brasil*, livro organizado por Maria Celina d'Araujo. Em 2016, publiquei *Mapping the Paradigms of Brazilian Social Thought*, no *International Journal for Innovation, Education and Research*. Em 2017, junto com Elaine Perdigão, publiquei em *Interseções, Etnografia e ficção em perspectiva*. Em 2018, publiquei em *Enlaces - estudos de folclore e culturas populares*, o registro da memória do Seminário sobre Folclore e Ciências Sociais (2017), que organizei com Maria Laura Cavalcanti e Joana Correa, em homenagem ao querido amigo Luis Rodolfo Paixão Vilhena e em 2019, em co-autoria com Paulo Jorge da Silva Ribeiro, publiquei *Brazilian Modernism and Cultural Criticism*, no *International Journal of Comparative Literature & Translation Studies*.

Atualidade

Desde 1982, quando iniciei minhas atividades docentes e, em especial, desde 1987, quando ingressei na UERJ no Departamento de Ciências Sociais, na área de Antropologia e na PUC-Rio no Departamento de Sociologia e Política, igualmente na área de antropologia, venho ministrando cursos tanto na graduação quanto na pós-graduação (a partir de 1995 na UERJ e 2005 na PUC). Tenho imenso prazer em dar aula. Venho oferecendo disciplinas obrigatórias e eletivas - tanto na graduação quanto na pós-graduação. Dentre estas,

Introdução à Antropologia, Teoria Antropológica, Escola Sociológica Francesa, Antropologia Social Inglesa, Teoria da Cultura, Pensamento Social Brasileiro, Antropologia e Literatura, Antropologia de Levi-Strauss, Teorias Sociais, Teoria Antropológica Contemporânea e diversos seminários especiais. Por diversas vezes tenho tido oportunidade de ministrar disciplinas juntos a colegas do Departamento, caracterizando uma experiência muito produtiva tanto para nós professores quanto para os estudantes.

Venho já há algum tempo, oferecendo disciplinas de Metodologia e Pesquisa tanto na graduação quanto na pós-graduação. Meu interesse pela história e, em especial, pela epistemologia vem balizando minha viagem intelectual no campo das ciências humanas e sociais. A leitura iniciada na graduação de Bachelard, Koyre, Canguilhem, Foucault, Deleuze continua se desdobrando e múltiplos campos vem se descortinando. Além disso, a leitura dos *founding fathers*, clássicos e contemporâneos, continua sendo prazerosa e proveitosa. Tenho ministrado cursos de Metodologia e Métodos de Pesquisa Qualitativos nas Ciências Sociais, em que tenho tido a oportunidade de dar continuidade a minhas reflexões sobre epistemologia e, em especial na antropologia, sobre trabalho de campo. O texto de Mariza Peirano, “Etnografia não é método”, o de Howard Becker, “Foi por acaso”, o de Helio R. S. Silva, “A situação etnográfica: andar e ver”, o de Jorge Luis Borges, “Do rigor na ciência”, são presenças constante na introdução e desenvolvimento dessas temáticas com os estudantes.

Venho orientando monografias de graduação e iniciação científica desde o início da década de 1990, em torno de uma centena de estudantes e jovens pesquisadores. Além disso, orientei mais de 40 alunos de pós-graduação, distribuídos entre especialização, mestrado, doutorado e supervisão de pós-doutorado, além de ter participado em mais de duas centenas de bancas de trabalhos de conclusão de curso e de comissões julgadoras para concursos públicos docentes e premiações. Minha participação na Chefia de Departamento, Coordenação de Pós-Graduação, Coordenação de área, Iniciação Científica e diversas comissões, tem sido uma constante.

* * *

Em *A Pesquisa*, romance de Juan Jose Saer, logo no início da narrativa somos interpelados pelo narrador ~Vocês devem estar se perguntando, se bem os conheço, que posição ocupo neste relato, posto que pareço saber dos fatos mais do que aquilo que eles mostram à primeira vista e falo sobre eles e os transmito

com a mobilidade e a ubiquidade de quem possui uma consciência múltipla e onipresente, mas quero fazer-lhes notar que o que estamos percebendo nesse momento é tão fragmentário quanto o que sei acerca do que lhes estou contando, mas que quando o recontarmos amanhã a alguém que tenha estado ausente ou simplesmente o recordarmos de forma organizada e linear, ou, sem ao menos esperar até amanhã, se simplesmente nos pusermos a falar do que estamos percebendo, neste momento ou em qualquer outro, o corolário verbal também daria a impressão de estar sendo organizado, enquanto é proferido, por uma consciência movediça, ubíqua, múltipla e onipresente. E prossegue nosso narrador ~Desde o primeiro momento, tive a prudência, para não dizer a cortesia, de apresentar estatísticas com o propósito de demonstrar a veracidade do meu relato, mas confesso que, no meu modo de ver, esse protocolo é supérfluo, uma vez que, só pelo fato de existir, todo relato é verídico e, caso se pretenda extrair dele algum sentido, basta ter em conta que, para obter a forma que lhe é própria, às vezes lhe é necessário produzir, graças a suas propriedades elásticas, certa compressão, alguns deslocamentos e não poucos retoques na iconografia. (Saer, 1999, p. 19).

Ao longo do texto, faço referência a algumas publicações cujos dados completos constam em meu Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4017037880197153>.